

Desidério Murcho

desiderio@ifac.ufop.br

Universidade Federal de Ouro Preto

Curso de pós-graduação lato sensu em filosofia

Ética normativa

18 de Janeiro



Bens instrumentais e últimos

- Um bem é **instrumental** quando é um meio para outro bem
- Um bem é **último** quando é um bem em si
 - As vacinas são bens meramente instrumentais, dado que em si não são bens: são apenas meios para não ter certas doenças

Dois problemas da ética normativa

1. Que bens últimos existem? Há mais de um?
2. O que é uma ação correta?

Quatro teorias normativas

1. **Utilitarismo:** o bem último é a felicidade. A ação correta é a que tem como consequência a maior felicidade para o maior número.
2. **Deontologismo:** o bem último é a vontade boa. A ação correta é a que está de acordo com a vontade boa.

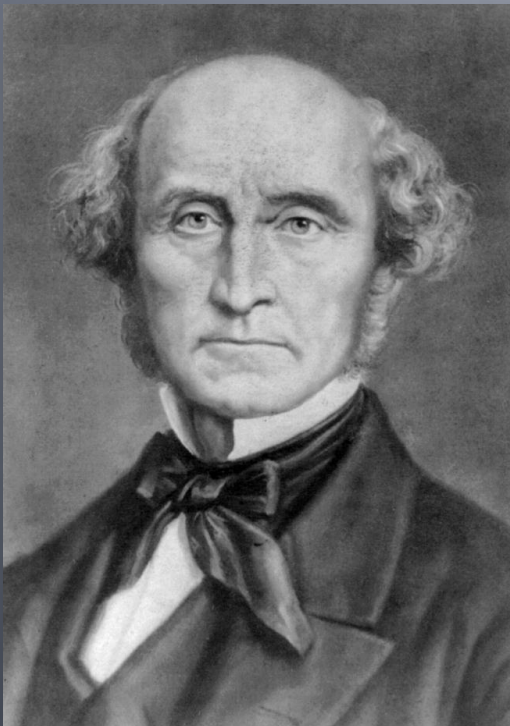
Quatro teorias normativas

- 3. Contratualismo:** diferentes pessoas têm diferentes concepções do bem último. Só precisamos de coordenar as instituições de modo a promover a equidade.
- 4. Teoria das virtudes:** o bem último é a felicidade. A virtude é o que promove a felicidade. A ação correta é a ação da pessoa virtuosa.



Conseqüencialismo clássico

A versão de John Stuart Mill (1806-1873)



- Reformador político e social
- Defendeu a igualdade das mulheres e o seu direito de voto
- Atacou as desigualdades económicas
- Defendeu a liberdade de expressão

Livros

- *Sistema de Lógica* (1843)
- *Princípios de Economia Política* (1848)
- *Sobre a Liberdade* (1859)
- *Utilitarismo* (1863)
- *A Subordinação das Mulheres* (1869)

Dedicatória

“Dedico este livro à bem-amada e dolorosa memória daquela que foi a inspiradora, e em parte a autora, de tudo o que há de melhor nos meus escritos — a amiga e esposa cujo elevado sentido de verdade e rectidão foi o meu mais forte incentivo, e cuja aprovação foi a minha principal recompensa. Como tudo o que tenho escrito desde há muitos anos, este livro pertence tanto a mim quanto a ela. Mas a obra, tal como está, teve, num grau muito insuficiente, a vantagem inestimável da sua revisão, tendo sido algumas das porções mais importantes reservadas para um mais cuidadoso reexame, agora destinadas a nunca receber. Fosse eu capaz de explicar ao mundo metade dos grandiosos pensamentos e nobres sentimentos que jazem no seu sepulcro, e seria o veículo para o mundo de um maior benefício do que provavelmente alguma vez resultará de qualquer coisa que eu possa escrever sem o estímulo e a ajuda da sua quase inigualada sabedoria.”

Sobre a Liberdade, de J.S. Mill
Tradução de Pedro Madeira
Lisboa: Edições 70, 2006



O que o utilitarismo não é

- Uma teoria que declara quaisquer meios legítimos para a obtenção dos nossos fins
- Uma maneira utilitária de conceber a vida
 - Utilitário é diferente de utilitarista
- Uma visão economicista e desumana das coisas



Conseqüencialismo

- Uma ação é **primitivamente** correta ou incorreta exclusivamente em função das suas **conseqüências**, e não das intenções ou do caráter do agente

Utilitarismos

- **Utilitarismo clássico ou hedonista:** uma ação é correta se maximiza a quantidade de prazer no universo e minimiza a quantidade de dor.
- **Utilitarismo das preferências:** uma ação é correta se maximiza as preferências dos agentes morais.

Universalismo

- O utilitarismo promove a maior felicidade para o maior número de pessoas
- Mas nenhuma pessoa tem mais valor moral do que qualquer outra
- Logo, a minha felicidade não tem prioridade sobre a felicidade alheia

Hedonismo

- **Epicuro** (341-271 a.C.): o bem último é o prazer
- Mas Epicuro não era hedonista no sentido básico que hoje se associa ao termo
- Distinguiu os prazeres de curto prazo, que muitas vezes são de evitar porque são obstáculos aos prazeres de longo prazo

Hedonismo transfigurado

- Mill distingue os prazeres inferiores dos superiores
- Os **prazeres inferiores** dizem respeito à satisfação das necessidades primárias (comida, água, sexo, etc.)
- Os **prazeres superiores** dizem respeito à satisfação das necessidades mentais sofisticadas, como a leitura, reflexão e o estudo



Ainda é prazer?

- Uma crítica a Mill é que está a abusar da palavra “prazer”
- O que ele chama “prazeres superiores” não são realmente prazeres, mas apenas **preferências** e preferências que só algumas pessoas têm

O naturalismo de Mill

- Como Epicuro, Mill tem uma visão **naturalista** dos seres humanos
- **Naturalismo:** o bem último dos seres humanos resulta da natureza humana, e não da existência de uma alma imortal que tem uma natureza diferente dos seres humanos enquanto seres naturais

Vida espiritual sem Deus

- Faz parte da natureza humana as capacidades para o estudo, reflexão, etc., e é por isso que essas coisas são preferidas pelas pessoas que tiverem oportunidade de as experimentar
- Assim, essas coisas são preferíveis por estarem de acordo com a natureza humana



O optimismo de Mill

- Mill tem uma concepção optimista dos seres humanos, considerando que todos darão mais valor à vida espiritual se tiverem oportunidade para isso, em detrimento de uma vida de porco, dedicada aos prazeres inferiores

Excertos de *Utilitarismo*

Originalmente publicado em 1861
Tradução de F. J. Azevedo Gonçalves
Lisboa: Gradiva, 2005



Definições

“A doutrina que aceita como fundamento da moral a utilidade, ou o princípio da maior felicidade, defende que as acções são correctas na medida em que tendem a promover a felicidade, e incorrectas na medida em que tendem a gerar o contrário da felicidade. Por felicidade entendemos o prazer, e a ausência de dor; por infelicidade, a dor, e a privação de prazer. Para dar uma perspectiva clara do padrão moral estabelecido pela teoria é preciso dizer muito mais; em particular, que coisas se inclui nas ideias de dor e prazer; e até que ponto isto é deixado como questão em aberto. Mas estas explicações suplementares não afectam a teoria da vida na qual esta teoria da moralidade se baseia — nomeadamente, que o prazer, e a ausência de dor, são as únicas coisas desejáveis como fins; e que todas as coisas desejáveis (que são tão numerosas no esquema utilitarista como em qualquer outro) são desejáveis ou pelo prazer inerente a si mesmas, ou como meios para a promoção do prazer e a prevenção da dor.”



Prazeres superiores

“De dois prazeres, se houver um ao qual todos ou quase todos os que tiveram experiência de ambos dão uma preferência determinada, à margem de qualquer sentimento de obrigação moral para o preferirem, esse é o prazer mais desejável. Se um dos dois é colocado, por aqueles que estão competentemente familiarizados com ambos, tão acima do outro que seriam capazes de preferi-lo mesmo sabendo que seria acompanhado de uma maior quantidade de insatisfação, e não abdicariam dele por quantidade alguma do outro prazer de que a sua natureza é capaz, temos justificação para atribuir ao prazer preferido uma superioridade em qualidade que ultrapassa de tal maneira a quantidade que a torna, por comparação, de escasso interesse.”



Naturalismo

“Mas é um facto inquestionável que aqueles que estão igualmente familiarizados com ambos, e são igualmente capazes de os apreciar e gozar, dão uma acentuada preferência ao modo de vida no qual se faz uso das faculdades superiores. Poucas criaturas humanas consentiriam em ser transformadas em qualquer um dos animais inferiores, a troco da máxima quantidade dos prazeres de um animal; nenhum ser humano inteligente consentiria em ser um idiota, nenhuma pessoa instruída seria um ignorante, nenhuma pessoa de sentimento e consciência seria egoísta e primária, ainda que estivessem convencidas de que o idiota, o ignorante e o tratante se sentiam mais satisfeitos com o que lhes cabia em sorte do que eles com o que lhes cabia em sorte a eles. Os primeiros não abdicariam das coisas que possuem a mais do que os segundos, em troca da mais completa satisfação de todos os desejos que têm em comum com os segundos.”



Naturalismo

“Se alguma vez imaginam que o fariam, é apenas em casos de infelicidade tão extrema que para fugir dela trocariam o seu destino por quase qualquer outro, por mais indesejável que fosse aos seus próprios olhos. Um ser com faculdades superiores precisa de mais para ser feliz, é provavelmente capaz de sofrimento mais acentuado, e certamente está a ele exposto com mais frequência, do que um ser de tipo inferior; mas, apesar de todas estas desvantagens, não pode nunca desejar realmente afundar-se no que sente ser um nível inferior de existência. [...] É melhor ser um ser humano insatisfeito do que um porco satisfeito; um Sócrates insatisfeito do que um idiota satisfeito. E se o idiota, ou o porco, têm opinião diferente, é porque apenas conhecem o seu lado da questão. A outra parte da comparação conhece ambos os lados.”



Universalismo

“A felicidade que constitui o padrão utilitarista do que está correcto na conduta não é a própria felicidade do agente, mas a de todos os envolvidos — algo que os críticos do utilitarismo raramente fazem a justiça de reconhecer. O utilitarismo exige que o agente seja tão estritamente imparcial entre a sua própria felicidade e a dos outros como um espectador desinteressado e benevolente. Na regra de ouro de Jesus da Nazaré vemos o espírito completo da ética da utilidade. Fazer aos outros o que queremos que nos façam a nós, e amar o próximo como a si mesmo, constituem a perfeição ideal da moralidade utilitarista.”



Irrelevância moral dos motivos

“O motivo nada tem a ver com a moralidade da acção, embora tenha muito a ver com o valor do agente. Quem salva um semelhante de se afogar faz o que está moralmente correcto, quer o seu motivo seja o dever, ou a esperança de ser pago pelo seu incómodo; quem trai a confiança de um amigo, é culpado de um crime, ainda que o seu objectivo seja servir outro amigo para com o qual tem deveres ainda maiores.”



Avaliar ações ou pessoas?

“Afirma-se com frequência que o utilitarismo torna os homens frios e insensíveis; que arrefece os seus sentimentos morais para com os indivíduos; que os faz olhar apenas para as considerações secas e duras das consequências das acções, não incluindo nas suas estimativas morais as qualidades das quais emanam essas acções. Se a afirmação significa que não permitem que o seu juízo sobre a correcção ou incorrecção de uma acção seja influenciado pela sua opinião das qualidades da pessoa que a pratica, isto é uma queixa não contra o utilitarismo, mas contra a posse de qualquer padrão de moralidade; pois seguramente nenhum padrão ético conhecido decide se uma acção é boa ou má por ser praticada por um homem bom ou mau, e menos ainda por ser praticada por um homem amável, corajoso ou benevolente, ou o contrário disto. Estas considerações são relevantes, não para a avaliação de acções, mas sim de pessoas [...]”



Utilitarismo dos atos

“Além disso, os defensores da utilidade são por vezes instados a responder a objecções como esta — que não há tempo, antes da acção, para calcular e avaliar os efeitos de uma linha de conduta na felicidade geral. Isto é exactamente como se alguém dissesse que é impossível guiar a nossa conduta pelo cristianismo porque não há tempo, em qualquer ocasião em que algo tem de ser feito, para ler o Velho e o Novo Testamentos. A resposta à objecção é que houve muito tempo, isto é, toda a existência prévia da espécie humana. Durante todo esse tempo, a humanidade tem estado a aprender por experiência as tendências das acções; e é dessa experiência que dependem toda a prudência e toda a moralidade da vida.”



Utilitarismo das regras

“A proposição de que a felicidade é o fim e a meta da moralidade, não significa que não tenha de ser estabelecida uma rota para esse objectivo, ou que as pessoas que o procuram não devam ser aconselhadas a tomar uma direcção em vez de outra. Os homens deviam realmente deixar de dizer sobre este assunto um certo tipo de disparates que não diriam nem escutariam sobre outras questões de ordem prática. Ninguém defende que a arte de navegar não se funda na astronomia porque os marinheiros não podem esperar para calcular o Almanaque Náutico. Sendo criaturas racionais, vão para o mar com ele já calculado; e todas as criaturas racionais vão para o mar da vida com decisões já tomadas sobre as questões mais comuns do correcto e do incorrecto, assim como sobre as bem mais difíceis questões relativas à prudência e à imprudência.”

